



EDUARDA ANDRÉIA KERKHOFF


## **A dimensão do literário nas críticas de João Cezar de Castro Rocha**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador prof. Dr. Valdir Prigol


Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 04/12/2025.

### BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 VALDIR PRIGOL  
Data: 04/12/2025 15:56:19-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Prof. Dr. Valdir Prigol (UFFS)

Documento assinado digitalmente  
 ERIC DUARTE FERREIRA  
Data: 05/12/2025 14:56:15-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Eric Duarte Ferreira (UFFS)

Documento assinado digitalmente  
 ROSELAINÉ DE LIMA CORDEIRO  
Data: 05/12/2025 10:13:58-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Dra. Roselaine de Lima Cordeiro (UFFS)

# As dimensões do literário na crítica de João Cezar de Castro Rocha<sup>1</sup>

Eduarda Andréia Kerkhoff<sup>2</sup>

eduarda.kerkhoff@estudante.uffs.edu.br

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo analisar as dimensões do literário nas críticas de jornais de João Cezar de Castro Rocha, historiador e professor de literatura comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e observar a importância de retomar o conceito de literatura em textos para jornais. A percepção se deu através da análise e interpretação da coluna Pena Afiada, coluna de crítica publicada no caderno *Ideias*, do Jornal do Brasil, a qual possui 24 críticas produzidas pelo historiador e crítico literário. Nestas críticas, ao fim das análises, é possível perceber que o movimento teórico das críticas de Rocha são metafóricas, pois a cada crítica o autor usa de uma metáfora para definir a literatura, que assim se torna um conceito abrangente, a partir de sua relação com os textos avaliados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Metáfora; Crítica literária.

## Introdução

A crítica literária faz parte da história da literatura brasileira desde meados do século XIX, quando começamos a ouvir falar de grandes críticos, como Álvaro Lins, Antonio Candido, Silviano Santiago e, atualmente, João Cezar de Castro Rocha. Esses são alguns dos críticos literários que se dedicaram à publicação de críticas literárias no ambiente dos jornais. Com a ascensão das redes sociais, a crítica literária vem perdendo espaço para o ambiente digital. Pensando nisso, esse trabalho se originou da ampliação de uma Iniciação Científica intitulada “A crítica literária no presente II”<sup>3</sup>, que buscava estudar a dimensão do literário nas críticas de jornais de João Cezar de Castro Rocha.

Para isso, dividimos esse artigo em três seções. Na primeira seção, as críticas de jornais de Rocha ganham destaque; foram selecionadas algumas críticas da coluna Pena Afiada, coluna de críticas do Jornal do Brasil. As críticas analisadas neste estudo são: “Ciúme e Dúvida Póstuma” (*Dom Casmurro* - Machado de Assis), “Ética e Utopia” (*S. Bernardo-*

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador Prof. Dr. Valdir Prigol.

<sup>2</sup> Acadêmica da 10ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

<sup>3</sup> Essa iniciação científica foi realizada no projeto Metáforas de Leitura, no qual uma das participantes Roselaine de Lima Cordeiro, produziu dois trabalhos que dialogam com esse Trabalho de Conclusão de Curso. O primeiro deles, sua dissertação de mestrado, intitulada *A metáfora que mobiliza: uma leitura da crítica “Ciúme e dúvida póstuma [Dom Casmurro, de Machado de Assis]”* (2019), de João Cezar de Castro Rocha, e o segundo, sua tese de doutorado, intitulado *Mediação de leitura: um estudo da metáfora da esquizofrenia produtiva de João Cezar de Castro Rocha, intelectual do presente* (2025).

Graciliano Ramos), “Capitães da Areia e da periferia” (*Capitães da Areia* - Jorge Amado), “O pulo do gato” (*Teoria do Medalhão*, Machado de Assis) e “A farda e o fardão” (*O Espelho*, Machado de Assis). Assim, após a análise das críticas, procuramos identificar o movimento que Rocha faz através delas, para, no fim, chegar a um conceito de literatura.

Na segunda seção procuramos atrelar o trabalho desse autor com o de dois outros pensadores: Antonio Candido e Georges Didi-Huberman. Usamos o texto “Dialética da Malandragem”, de Antonio Candido, para pensar em como Rocha utiliza o mesmo *modus operandi* de Candido que consiste em, inicialmente, fazer uma sinopse do texto, desenvolver a sua crítica fazendo inferências e concluí-la com alguma definição do conceito de literatura. Ademais, também utilizamos o texto de Didi-Huberman, “Os Brancos Tormentos do Testemunho”, para mostrar como esse movimento é feito em relação à obras de arte. Assim, é possível pensar que, para se produzir o literário, é necessário, antes de tudo, estabelecer uma relação com a obra em questão.

A terceira e última parte é dedicada a pensar a importância do trabalho de Rocha no que tange ao acesso a obras literárias para o público geral e problematizar o porquê de o debate de literatura estar retido ao ambiente acadêmico, e a defesa do autor para uma “esquizofrenia produtiva”, para que os professores sejam bilíngues na própria língua e possam fazer a ponte entre a academia e as classes populares.

## **1 As dimensões do literário na crítica de João Cezar de Castro Rocha**

Nesta seção, buscaremos analisar algumas das críticas de jornais publicadas por João Cezar de Castro Rocha no caderno *Ideias* do Jornal do Brasil, na coluna Pena Afiada. Ao escrever nela, Rocha faz o exato movimento que estamos analisando - inicialmente, uma crítica, para depois compreender a dimensão do literário. Além disso, essas críticas foram construídas seguindo uma linha de raciocínio, utilizando-se de clássicos da literatura brasileira para produzi-las. Assim, é possível observar que em outras colunas que Rocha escreve, não é seguido o mesmo padrão, valendo-se de produções textuais mais “aleatórias”, neste caso, fora do padrão que estamos analisando. A primeira crítica a se considerar é intitulada “Ciúme e dúvida póstuma”, referindo-se a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Rocha inicia sua crítica discorrendo brevemente sobre a personagem Capitu, uma das mulheres mais emblemáticas da literatura brasileira; a partir disso, ele introduz a história de Bentinho, nos revelando a sinopse do livro. É interessante pensar que essa crítica, apesar de o narrador do romance ser o Bentinho, é iniciada com enfoque em Capitu, deixando o personagem de Bento

Santiago em segundo plano. Antes da sinopse, o autor problematiza a questão central que ronda essa obra desde que foi feita, há mais de um século: Capitu traiu, ou não traiu?

A partir disso, ele introduz a história de Bentinho, nos revelando o enredo do livro, desde a infância do personagem narrador, até a idade adulta. Não há como não mencionar o acontecimento que marca o estopim da pergunta da traição: a morte de Escobar. O autor foi preciso ao descrever essa cena em sua crítica, principalmente no que tange as lágrimas de Capitu:

No velório, Capitu chora. Bento Santiago não hesita: “Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira que lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas ...”. As reticências valem por todo um capítulo, já o adjetivo, “caladas”, por todo um romance... (Rocha, 2006, p. 7).

No fim do romance, percebemos que Bentinho, graduado em Direito, não deixa nem o benefício da dúvida para Capitu, pois ele pergunta ao leitor se Capitu da Praia da Glória (a menina de olhos de cigana oblíqua e dissimulada por quem se apaixonou) já era Capitu de Matacavalos (a mulher que se tornou e que supostamente o traiu) ou se aquela se transformou nesta por meio de algum incidente. Ele finaliza o romance, tentando convencer a si mesmo e ao leitor, a partir das seguintes palavras: “[...] Mas creio que não, e tu concordarás comigo; e se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como uma fruta dentro da casca.” (Assis, 2019, p. 192). Com esse final, Machado de Assis deixou em aberto um dos maiores mistérios da literatura mundial.

Assim, para fugir do óbvio e de uma pergunta já tão debatida há décadas, Rocha propõe uma outra leitura do romance. O autor concentra-se na perspectiva de que o ciúme consumiu Bentinho, até que ele se transformasse em Dom Casmurro. Enquanto o leitor acha que a infidelidade é o tema do romance, Rocha defende que a infidelidade é um efeito secundário do ciúme. Para ele

O ciúme possui uma dimensão muito mais inquietante, que, se o dicionário ignora, a literatura revela. O ciumento nunca dispõe da prova definitiva da infidelidade. O ciumento não pode saber; se sabe, não é mais ciumento: mas um resignado ou um revoltado. Para ser de fato ciumento, somente imaginará evidências, jamais comprovará a traição. Nesse caso, vale repetir, não é mais “ciumento”, é “traído” – o leitor substituirá o eufemismo pelo termo popular (Rocha, 2006, p. 8).

A partir desse trecho, é possível perceber a genialidade com que o autor escolhe o título da resenha - Ciúme e dúvida póstuma -, dúvida póstuma pois o ciumento jamais saberá se a infidelidade é verídica, ainda mais no caso de nosso Casmurro, que havia perdido todas

as “provas” dessa infidelidade, pois Escobar, Capitu e Ezequiel já haviam morrido no fim do romance.

É justamente a partir da “falta de provas” do ciumento que o autor finaliza a sua crítica para pensar um modo de compreender a literatura, comparando-a com o ciúme: “A literatura também não dispõe de ‘provas’, não expõe ‘evidências’; como o ciúme, a literatura é um discurso que se alimenta da dúvida, da impossibilidade de conhecer a ‘verdade’ última do mundo” (Rocha, 2006, p. 10). De acordo com o Dicio, Dicionário Online de Português, literatura, substantivo feminino, é a arte de escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso, ou ainda, o conjunto das produções literárias de um país, de uma época. Sendo assim, para que a literatura seja como o ciúme que se alimenta da dúvida, exige-se a relação do texto com cada leitor. Para que exista a impossibilidade de conhecer a “verdade” última do mundo, no texto literário, não pode existir “certo” e “errado”, mas sim um ponto de vista diferente que cada leitor carrega consigo. Ora, assim como o ciúme, a literatura é uma incógnita, algo que depende de alguém para acontecer, pois é subjetiva e, sendo subjetiva, precisa de um sujeito.

A maneira com que o autor conceitua a literatura nessa crítica foge da expectativa acadêmica com que falamos sobre esse conceito. Aqui, a literatura é mostrada de forma diferente, exibida de maneira mais profunda do que quando estamos falando de senso comum, como uma imagem que o leitor geral tem facilidade de reconhecer, mas também mais simples do que quando a conceituamos de maneira acadêmica, sendo outro modo de compreender a leitura, como mostra o trabalho de Prigol (2020). A analogia literatura/ciúme serve justamente para aproximar o leitor da crítica com a obra de Machado de Assis. Através dessa analogia, o autor possibilita que o público geral, que não vive no ambiente acadêmico, possa conhecer a obra, considerando que a linguagem acadêmica raramente sai desse meio para encontrar o leitor comum.

O conceito de literatura, para Rocha, se alterna durante suas críticas. Em “Ética e utopia”, crítica dedicada a *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, o autor comenta:

Machado de Assis realizou um elogio à literatura como produção de conhecimento, como fábrica de enigmas. Graciliano Ramos refletiu sobre a dimensão ética da escrita e da leitura, formas transformadoras de autoconhecimento, conferindo ao romance a imagem de uma utopia sóbria. Antes que o leitor pergunte qual projeto é o mais “importante”, esclareço que são projetos diversos. Na literatura, a diversidade dos valores é um valor em si mesmo. (Rocha, 2006, p. 7).

Vejam os que, o autor cita Machado de Assis e a “literatura como produção de conhecimento, como fábrica de enigmas”. Claro, pois é a literatura que convida e que provoca

o leitor a pensar. É a literatura que apresenta uma série de estilos e temas, temas que a sociedade adora ou repudia, mas que não passam despercebidos. Pensemos como foi o alvoroço de *Dom Casmurro* na sociedade burguesa carioca do século XIX. Ou mesmo, as delações socioeconômicas do capitalismo e dos latifúndios, retratadas em *S. Bernardo*. Aqui, Paulo Honório reduz “o mundo à condição de ‘coisa’, simples mercadoria” (Rocha, 2006. p. 6). Neste romance, não existem relações verdadeiras, visto que todos os personagens em torno de Paulo Honório estão nessa posição devido ao interesse. Ou ainda, a denúncia do abandono de menores e da violência urbana em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, frente à ditadura do Estado Novo. Sendo assim, a literatura não é feita para ser apenas uma leitura. Se é assim feita, não deveria. A literatura provoca, a literatura incomoda. É o incômodo que nos faz pensar e pesquisar. Pensar dói. E é por isso que muitos dos pensadores e intelectuais são desprezados na sociedade brasileira atual. Por isso, para Rocha, na citação acima, a diversidade dos valores é um valor em si mesmo, pois nela nunca se tem mais do mesmo, sempre teremos algo novo a ser mostrado, a ser percebido.

Sobre *Capitães da Areia*, o autor produziu outra crítica acerca dessa obra, intitulada “Capitães da Areia e da periferia”. Nesse romance, nos deparamos com a história de menores abandonados, que através do crime, lutam para sobreviver. De acordo com Rocha (2006) podemos considerar esse romance como o marco zero da chamada “literatura marginal”. Nessa crítica, como também na crítica sobre *S. Bernardo*, podemos pensar a literatura como utopia. Na visão do autor, “Se João José, o menino que se tornou pintor, estivesse hoje em atividade, seus quadros seriam ainda mais numerosos e violentos. Os capitães da areia multiplicam-se no cruel cotidiano brasileiro. E, infelizmente, não dispõem mais de utopia – de uma ideologia para viver” (Rocha, 2006, p. 7).

No romance, as personagens, especialmente da metade do romance em diante, ainda tinham uma ideologia para seguir, fazendo deles revolucionários. Seu líder, Pedro Bala, de criminoso tornou-se militante proletário, atuando e defendendo ideais em prol dos trabalhadores. Foi preso, mas ainda sim transmite uma mensagem de esperança.

E, no dia em que ele fugiu, em inúmeros lares, na hora pobre do jantar, rostos se iluminaram ao saber da notícia. E, apesar de que lá fora era o terror, qualquer daqueles lares era um lar que abria para Pedro Bala, fugitivo da polícia. Porque a revolução é uma pátria e uma família (Amado, 2009, p. 262).

Atualmente, muitos dos capitães da areia da dura realidade brasileira não têm uma ideia a defender. Como seguir uma ideologia em uma sociedade que a cada dia que passa se

torna mais desigual? Pensar a literatura como utopia poderia dar a essas crianças um motivo para viver. Pensar na educação - como no final utópico de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos - dessas crianças poderia dar um meio de ascender socialmente e mudar de vida. A literatura também serve para isso. Quanto mais leitura, mais conhecimento. Quanto mais conhecimento, há uma melhora na escrita, na percepção de mundo e nas maneiras de fugir do sistema opressor e hostil vigente.

Em “O pulo do gato”, crítica referente ao conto *Teoria do Medalhão*, de Machado de Assis, temos a percepção da literatura como dualidade. Nesse enredo, temos um diálogo entre pai e filho. O filho, Janjão, acaba de completar 21 anos e o pai lhe dá notas de como se tornar um medalhão - um ofício que consiste em parecer e não ser, baseando-se no reconhecimento social a todo custo, mesmo que não possua mérito. Ademais, essa ocupação se constitui da falta de originalidade e de reflexão e também de vocabulário limitado, como descreve Assis:

- Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. "Filosofia da história", por exemplo, é uma locução que deves empregar com frequência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc. (Assis, 1882, p. 6).

Assim, no desenrolar do conto, podemos perceber que a Teoria do Medalhão expõe uma crítica ao próprio medalhão. Nas palavras de Rocha

Desse modo, a dualidade da oposição temática desliza para o plano da linguagem. Tal movimento favorece o aparecimento da dualidade realmente inovadora. De um lado, a escrita como museu vivo, reinvenção da biblioteca. De outro, a leitura como antecâmara da escrita, colagem de livros possíveis. O leitor se revela o duplo do autor, e este o futuro daquele. No território do autor-leitor, a díade, implícita na estrutura temática do duplo, e geradora de binarismos muito pouco machadianos, é dissolvida no tratamento linguístico, e extrapolada na criação de uma distância crítica. Eis o autêntico pulo do gato: criar uma literatura que, sem deixar de narrar histórias, incorpore, na própria narrativa, a reflexão sobre a escrita (Rocha, 2006, p. 6).

Portanto, essa dualidade que o autor comenta é um reflexo que aparece nesse texto, e em outro que veremos a seguir. Mas antes retomaremos brevemente a própria noção de duplo apresentada pelo autor na crítica, a partir de Otto Rank: o duplo como aquele que observa a si mesmo. O reflexo, o duplo, sempre acaba revelando o oposto. Como exemplo, o autor cita a dualidade do Dr. Jekyll e Mr. Hyde, da obra *O médico e o monstro*, em que Dr. Jekyll é um médico renomado que ao mesmo tempo divide seu corpo com sua outra personalidade, Mr. Hyde. Mr. Hyde é a personalidade do mal, a que comete crimes e assassinatos. Essa personalidade usa também outra forma - a de um monstro -, que se esconde atrás da forma do

médico. Sendo assim, essa história também retrata o duplo e nos mostra que cada ser dentro de si mesmo se revela selvagem, mas fica contido devido a sua ética, ou seja, os valores morais que regem a sociedade.

Em "A farda e o fardão", crítica de Rocha dedicada ao conto *O Espelho* de Machado de Assis, podemos ver com ainda mais força a questão do duplo. A história se inicia com um grupo de senhores discutindo sobre a alma e o universo, enquanto Jacobina, um membro do grupo, está com o pensamento longe. Ao ser chamado de volta para a conversa e os senhores exigirem de Jacobina um posicionamento, este começa a falar que todos nós temos duas almas: uma que olha de dentro para fora e outra que olha de fora para dentro e ambas se completam como uma laranja. Para provar sua teoria, ele começa a narrar uma história: sua história, ocorrida em sua juventude.

Jacobina conta que havia sido nomeado alferes da Guarda Nacional, depois de uma infância miserável. Junto com a promoção, o status e o prestígio social também se fazem presentes. Ao ir passar alguns dias com a tia, esta o encheu de regalias; porém, por conta do adoecimento de sua filha, a tia teve que viajar. Ao se ver sozinho na propriedade da tia, Jacobina começa a angustiar-se e, num belo dia, ao fitar o espelho que a tia lhe dera, não via nada além de sua alma corrompida, borrada. Como o espelho nada mais é que um vidro que reflete aquele que o encara, o novo alferes da Guarda Nacional não reconhece a si mesmo e busca uma forma de enxergar aquela imagem com nitidez. Portanto, veste sua farda de alferes e consegue ver com detalhes sua forma, rosto e corpo. Sendo assim, a alma interior de Jacobina tornou-se completamente dependente de sua alma exterior, provando o seu ponto aos cavalheiros para quem contava a história.

Portanto, para o autor da crítica,

Talvez porque o espelho seja uma superfície que, em si, nada é, mas, por isso mesmo, pode refletir imagens diversas e inclusive opostas. O que revela um espelho voltado para outro? A capacidade criadora da ficção; a possibilidade de produzir imagens que sem o espelho seriam invisíveis. Eis a compreensão machadiana da potência da literatura (Rocha, 2006, p. 6).

A literatura, então, também pode ser como um espelho voltado para outro, pois pode criar a ficção e imagens que sem o espelho seriam invisíveis. Mas a literatura, assim como o espelho, podem criar reflexos de si mesma e da realidade. Reflexos do autor, das personagens, da sociedade e também do próprio leitor, que muitas vezes já deve ter se deparado com uma obra que trazia o seu reflexo, ou ao menos, que se identificava com o enredo ou com os personagens. O reflexo também pode estar contido em alguém que não existe - alguém que o

leitor gostaria de ser. A literatura impacta pois ela faz o leitor olhar para fora do texto, depois voltar para o texto, depois para dentro de si mesmo, e também para a pessoa que quer tornar-se no futuro, sem necessariamente ser um reflexo, mas sim uma reflexão.

Sendo assim, a partir das análises das críticas, nas quais o conceito de literatura foi o ciúme, a utopia, o espelho e o duplo, podemos afirmar que para Rocha, a literatura é metafórica, sofrendo grandes mudanças durante o seu desenvolvimento. Sendo assim, diante das faces da literatura construídas pelo autor até aqui, passaremos a fazer uma breve reconstrução da inspiração do autor para esse tipo de análise. Analisaremos a seguir, dois grandes críticos literários que têm muito a contribuir na maneira como Rocha escreveu suas críticas para os jornais.

## **2 As dimensões do literário e da arte em Antonio Candido e Georges Didi-Huberman**

Na seção anterior, foi possível perceber o movimento de análise que Rocha faz até chegar ao conceito de literatura, sendo esse movimento uma contextualização da obra, um aspecto que - muitas vezes - não é visível ao leitor comum, e então uma análise crítica a partir deste, para uma conclusão do conceito de literatura a partir do ponto observado, resultando assim, em várias dimensões da literatura.

Nesta seção, analisaremos dois grandes críticos que realizaram os mesmos movimentos de João Cezar de Castro Rocha: Antonio Candido e Georges Didi – Huberman, mas no âmbito acadêmico. Começamos com “Dialética da Malandragem”, de Antonio Candido e depois passaremos a “Os Brancos Tormentos do Testemunho”, de Georges Didi - Huberman.

### **2.1 Antonio Candido**

Em “Dialética da Malandragem” - título muito bem pensado, por razões que serão explicadas à frente - Candido faz uma crítica ao romance *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. O autor inicia sua crítica traçando um breve histórico das críticas que já haviam sido feitas ao romance. Nessa crítica, Candido tentou caracterizar o *modus operandi* da obra de Manuel Antônio de Almeida.

Sendo assim, depois de fazer o breve histórico citado acima, Candido (des)caracterizou o romance, dividindo as seções de sua crítica em perguntas geradas a partir

da caracterização do romance por outros autores em críticas anteriores a sua. Por exemplo, a primeira seção de "Dialética da Malandragem" se chama "Romance Picaresco?".

Portanto, na primeira parte de sua crítica, Candido traz algumas referências de obras picarescas como *Lazarillo de Tormes* e identifica as características dessa obra que a fazem ser considerada picaresca, fazendo uma comparação com *Memórias de um Sargento de Milícias*, explicando porque o romance de Manuel de Antônio de Almeida não se caracteriza como uma obra picaresca. Na outra seção, intitulada "Romance Malandro", o autor constrói um novo conceito a partir da desconstrução do conceito da primeira seção. Ele explica que no romance picaresco, os personagens são trapaceiros, malandros e cometem crimes por questão de pura necessidade, uma vez que são personagens extremamente pobres, abandonados quando crianças, devendo encarar a realidade do mundo e a maldade das pessoas desde muito cedo. Leonardo, nosso protagonista do romance brasileiro, vem de uma realidade totalmente diferente. Portanto, malandro, pois Leonardo quer ser assim. Daí vem o título - Dialética da Malandragem - pois, dialética, na corrente filosófica, tem como objetivo uma contraposição e uma contradição de ideias que resultam em ideias novas. Portanto, neste título, há primeiro a contradição e contraposição à ideia do romance picaresco, para então surgir a ideia da malandragem e do romance malandro. Assim, há uma dialética na construção de seu texto.

Na terceira seção, intitulada "Romance Documentário?" o autor discorre sobre a realidade carioca descrita no romance. Uma realidade bem restrita espacialmente e que não abrange de fato todos os aspectos espaciais e sociais do Rio de Janeiro do século XIX. Como descreve Candido: "Havia, porém, um elemento mais antigo e importante para o cotidiano, que formava a maior parte da população e sem o qual não se vivia; os escravos" (Candido, 1979, p. 74). Sendo assim, o livro retrata a realidade da pequena burguesia, composta por pessoas brancas. Além disso, Candido ressalta que esses elementos "documentais" ficam em segundo plano no romance e que Manuel Antônio de Almeida optou por descrever mais a função ou destino das pessoas nessa sociedade.

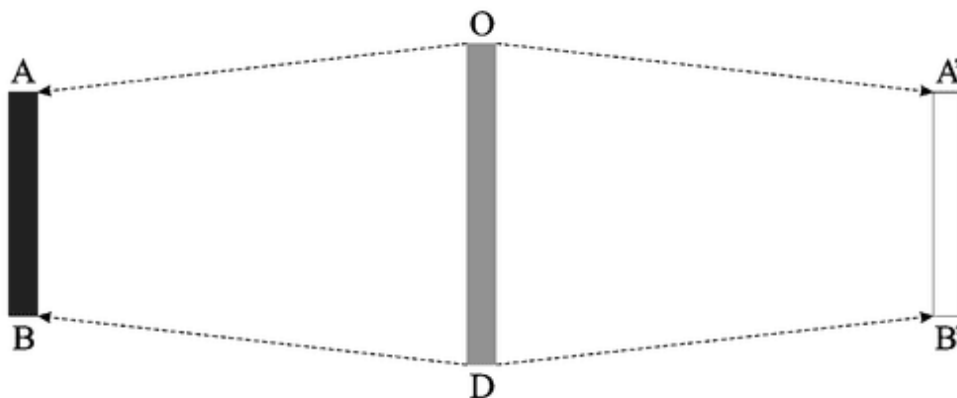
Na penúltima seção, "Romance representativo", Candido discorre sobre o sucesso da obra, atribuindo-o a dois fatores: o primeiro, é sua natureza popular, que faz com que o leitor se identifique com a obra. Já o segundo fator, é atribuído ao conceito de dialética da ordem e da desordem. Essa dialética ilustra concretamente as representações de vida e relações humanas, que podem surgir como um espelho para o leitor. A partir disso, Candido afirma que a dialética da ordem e da desordem só pode ser esclarecida através da descrição das relações entre os personagens que, de acordo com ele, mostra:

(1) a construção, na sociedade descrita pelo livro, de uma ordem comunicando-se com uma desordem que a cerca de todos os lados; (2) a sua correspondência profunda, muito mais que documentária, a certos aspectos assumidos pela relação entre a ordem e a desordem na sociedade brasileira da primeira metade do século 19 (Candido, 1979, p. 77).

Sendo assim, através da dialética dessa obra, na qual, como já citado acima, pode fazer com que o leitor se identifique, temos a desconstrução do “romance documentário” e a construção portanto do “romance representativo”, o qual ilustra muito bem o contexto brasileiro daquela época.

Para esboçar sua ideia, o autor faz uma representação. Para Candido, “não é a representação dos dados concretos particulares que produz, na ficção, o senso de realidade; mas sim a sugestão de uma certa generalidade, que olha para os dois lados e dá consistência tanto aos dados particulares do real quanto aos dados particulares do mundo fictício”. (Candido, 1979, p. 82).

**Figura 1 - Representação da ordem e desordem**



Fonte: Candido (1979)

Assim, OD representa a dialética da ordem e da desordem. AB representa os fatos particulares da sociedade do Rio de Janeiro naquela época e A'B' representa os fatos particulares da sociedade representada em *Memórias*. Para o autor

OD, dialética da ordem e da desordem, é um princípio válido de generalização, que organiza em profundidade tanto AB quanto A'B' dando-lhes inteligibilidade, sendo ao mesmo tempo real e fictício, - dimensão comum onde ambos se encontram, e que explica tanto um quanto outro. A'B' não vem de AB diretamente, pois o sentimento da realidade na ficção pressupõe o dado real mas não depende dele. Depende de princípios mediadores, geralmente ocultos, que estruturam a obra e graças aos quais se tornam coerentes as duas séries, a real e a fictícia (Candido, 1979, p. 83).

Sendo assim, podemos considerar que a dialética da ordem e da desordem transita entre o que é real e o que é fictício, mostrando que a literatura não é um reflexo da realidade,

mas sim uma mediação entre o real e o imaginário. Portanto, a partir desse esquema, podemos pensar o conceito de literatura como mediadora. Se nesse esquema podemos ver a oscilação entre real e fictício e a dialética da ordem e desordem transitando entre esses dois mundos, podemos afirmar que aqui a literatura tem um papel de mediação. Talvez por isso, *Memórias de um Sargento de Milícias* seja um grande clássico da literatura brasileira e uma obra atemporal.

Por fim, a última seção da crítica de Antonio Candido é intitulada “O mundo sem culpa”, na qual ele comenta que o universo em que está situado *Memórias* parece ser um universo livre de culpa e pecados. De acordo com Candido, “as pessoas fazem coisas que poderiam ser qualificadas como reprováveis, mas também fazem outras dignas de louvor, que as compensam. E como todos tem defeitos, ninguém merece censura” (Candido, 1979, p. 84). Aqui, podemos trazer à tona novamente a concepção de Otto Rank e o duplo, como aquele que observa a si mesmo. Nesse universo, não é a ética que rege a sociedade, o que faz com que os leitores possam julgar o que é errado ou não nas ações das personagens - justamente por viverem em uma comunidade que possui um conjunto de valores a serem seguidos, que julga o que é errado e o que é certo.

## **2.2 Georges Didi-Huberman**

Em “Branco Tormentos do Testemunho”, uma palestra apresentada por Didi-Huberman, o filósofo faz uma crítica a instalação de Esther Shalev-Gerz, intitulada “Entre a escuta e a palavra: Últimos Testemunhos, Auschwitz-Bikernau, 1945-2005”. O interessante dessa crítica é a destreza, habilidade e riqueza de detalhes com que Didi-Huberman descreve a obra, não sendo necessário que o leitor veja sua imagem para imaginá-la. “Últimos Testemunhos” foi exposta na Câmara Municipal de Paris, para celebrar os 60 anos das libertações do campo de concentração de Auschwitz.

Passamos à descrição da obra: 60 sobreviventes dos campos de concentração foram convidados a dar seu testemunho, sem limites de tempo. Portanto, os testemunhos duram de duas a nove horas. Como a artista ocupou um espaço municipal, o salão da Câmara Municipal de Paris, “Últimos Testemunhos” é uma obra pública, tendo optado por manter a iluminação habitual do espaço, que seria diferente se fosse exposto em alguma galeria de arte. Didi-Huberman descreve um pouco mais sobre a obra no trecho abaixo:

Ao mesmo tempo, como podem observar, a disposição das mesas pensada pela artista é uma disposição um pouco ondulante, com cada vão ocupado por um posto de escuta, colocando praticamente cada espectador, ao mesmo tempo, diante do corpo daquele que testemunha no ecrã e diante do corpo silencioso de outro témoinaire, de outro ouvinte...Vêem? Vemo-lo aqui, à direita. Portanto, cada espectador estava situado do outro lado da mesa, criando assim uma espécie de composição, através dos dispositivos que colocavam as pessoas sozinhas face ao dispositivo de visualização, e em comum no espaço da exposição. Sozinhas, mas frente-a-frente (Didi-Huberman, 2012, 8 min 48 s).

Portanto, todos os que se sentavam frente ao dispositivo de visualização escutavam os testemunhos através de auscultadores. Assim, haviam muitas pessoas ao mesmo tempo fazendo parte da obra e, estando a obra na Câmara Municipal de Paris, era de se esperar que haveria barulhos, sussurros... mas não. A Câmara Municipal estava em silêncio, em profundo silêncio, assim como os silêncios que estavam nos testemunhos das vítimas. É justamente esse silêncio que chama a atenção do autor em sua crítica à obra e que rondará toda a sua reflexão.

Pacientemente, a artista extrai, das dezenas de horas de entrevistas realizadas com os sobreviventes, os momentos de silêncio. E montou-os. Diria que os silêncios eram, pois e em primeiro lugar, mostrados...mostrados cuidadosamente.[...] Não há banda sonora. Esses silêncios eram cuidadosamente mostrados, pois cada breve momento em branco na palavra, quando a testemunha procurava os termos certos, não os encontrava, perdia a coragem, deixava-se invadir por uma rememoração, uma emoção, etc...esses breves momentos em branco entre as palavras tinham sido isolados, de acordo com um enquadramento, geralmente bastante próximo, como podem ver, do rosto da testemunha, e abrandados...é uma operação importante...para meia velocidade, exactamente. Isso permitia tornar visível o gesto implicado em cada um daqueles momentos frágeis, dos momentos entre as palavras. Silêncios mostrados mas também, portanto, silêncios montados. De tal forma que se constituiu o que eu chamaria uma espécie de atlas dos brancos...um atlas dos silêncios (Didi-Huberman, 2012, 11min 17s).

Após a descrição da obra, Didi-Huberman (2012) volta a sua atenção para aquilo que o faz lembrar quando se depara com o trabalho de Shalev-Gerz. Inicialmente, ele remete a uma parábola hassídica, supondo que a artista poderia sugerir uma possibilidade de sobrevivência, na incapacidade de pronunciar uma frase sobre a história, pois o silêncio é a primeira coisa que se transmite de uma geração para outra.

Outro ponto que o autor chama a atenção para a exposição Gerz, é a intencionalidade da confrontação entre os silêncios e as palavras. Assim, ele ressalta a importância do efeito das lacunas das frases ditas pelas vítimas sobreviventes dos campos de concentração.

Esta colecção de silêncios, mais modestamente, dá o contra-motivo, a contra-forma, o desdobramento de palavras tão necessárias quanto lacunares, como são, aliás, as próprias imagens. Poder-se-á dizer que o puzzle da mais pequena frase pronunciada nunca estará concluído, terminado, definido. As lacunas existem. As lacunas existirão sempre. Mas o que esta artista mostra é que as lacunas não são apenas

falhas na palavra, são gestos, gestos fundamentais dessa palavra de testemunho. O puzzle nunca estará completo, desde o mais pequeno nível de frases pronunciadas, até ao da sociedade, por inteiro, das testemunhas da história (Didi-Huberman, 2012, 19 min 52 s).

Assim, o autor consegue transmitir em sua fala a importância do efeito do silêncio, que ao mesmo tempo que manifesta a dor das vítimas de Auschwitz-Birkenau, chama a atenção do espectador para de fato, ouvir atentamente o que as vítimas têm a dizer e se sensibilizar com o ocorrido durante o Holocausto e se conscientizarem politicamente sobre o assunto. Portanto, ele cita dois autores como embasamento teórico de sua crítica, Jean -Luc Nancy e Jacques Ranciere.

Portanto, o autor propõe que o que Shalev-Gerz faz é uma montagem de silêncios.

Os silêncios montados e mostrados por Esther Shalev-Gerz não são apenas simples falhas na palavra dos testemunhos. São momentos de transição, são cavilhas dialéticas, são escansões no tempo da própria história. São, portanto, acontecimentos dentro da palavra e mesmo autênticos acontecimentos do testemunho. (Didi-Huberman, 2012. 36 min 44 s).

A partir dessa montagem de silêncios então, Didi-Huberman define o título de sua crítica: Os brancos tormentos do testemunho. Para explicar os “brancos”, podemos pensar na ideia de imagem. Uma imagem em branco, pode não significar nada, quanto muita coisa. E assim ele passa a explicação dos “tormentos”, que pode ter três significados. Primeiramente, uma disfunção, um dano nas palavras que as testemunhas pretendem dizer, que não conseguem dizer, mas que são obrigadas a fazer tal ação. Em segundo lugar, o tormento é um sofrimento, uma perturbação nas falas das testemunhas. “E como não ver, no filme, nas montagens de Esther Shalev-Gerz, que os brancos nas palavras são... igualmente emanções do sofrer, do sofrimento, que vêm, por assim dizer, envenenar o seu desejo de relato... mal-estar, impotência, angústia.” (Didi-Huberman, 2012, 41 min 57s). Por fim, o tormento como solicitude, pois se estende para o outro, que é o que acontece com a instalação de Shalev-Gerz. Sua exposição se estende a outras pessoas. Portanto, essa obra possui os três significados aqui descritos por Didi-Huberman, muito bem atrelados ao título. Assim, Os brancos tormentos do testemunho podem, se colocados na imagem em branco, significar a vacilação das pessoas a falar, o silêncio delas, o “nada”. E através desse “nada”, desse silêncio, pode conter todo um significado, como provaram as vítimas entrevistadas.

Por fim, foi possível perceber, através da análise das críticas de Didi-Huberman e Candido, que estas só foram possíveis porque os críticos tiveram a sua relação com a obra. Sendo assim, a primeira coisa necessária para se produzir uma crítica é o contato e impressões

com e sobre esses trabalhos, tanto no campo literário quanto no campo artístico, para depois então pensar neles fazendo inferências, deixando essa experiência da relação com as obras ainda mais rica, e então sim, produzir um documento sobre essas obras. Depois disso, podemos nos questionar como as pessoas em geral podem ter sua relação com o literário, abordado na próxima seção.

### **3 O texto literário, o conceito de literatura e o leitor de jornal**

Após pensarmos o literário nas críticas de Rocha e relacionar o seu trabalho com as críticas de Georges Didi-Huberman e Antonio Candido, chegamos a uma parte crucial de nossa pesquisa, que é a problemática de as críticas que pensam o literário estarem retidas em âmbito acadêmico.

Inicialmente, podemos pensar o porquê de Rocha trazer para o jornal um procedimento acadêmico: o debate sobre literatura. Para pensar essa questão, é possível elencar dois pontos: primeiramente, vimos que para se ter uma produção literária, é necessária uma relação com o texto. Ora, atualmente a maior parte da população não tem acesso às obras literárias. De acordo com uma pesquisa realizada em 2022 pela Associação dos Membros dos Tribunais de Conta do Brasil (ATRICON), mostra que apenas 3 em cada 10 escolas públicas possuem biblioteca, 52% dos alunos matriculados em escolas públicas estudam em instituições que não possuem biblioteca. Ou seja, mais da metade dos estudantes da esfera pública brasileira não têm acesso a livros. Isso se torna ainda mais agravante ao pensar que, atualmente, os livros custam em média mais de 40 reais. Sendo assim, temos um problema estrutural dentro do nosso país acerca da fomentação do pensamento crítico e intelectual.

Segundo, essas críticas não estão disponíveis para acesso da população. Grande parte das críticas que pensam o literário se concentram na academia justamente por não ter uma linguagem acessível às classes populares que, como já vimos, tendo dificuldade do acesso aos livros, dificilmente compreenderão a linguagem acadêmica. Assim, para Buck-Morss

Como resultado, o sistema inverte o seu papel. O seu objetivo é o de entorpecer o organismo, insensibilizar os sentidos, reprimir a memória: o sistema cognitivo da sinestética tornou-se, antes, um sistema de anestésica. Nesta situação de “crise na percepção”, já não se trata de educar o ouvido rude para ouvir música, mas para lhe restituir a audição. Já não se trata de treinar os olhos para ver a beleza, mas de restaurar a “perceptibilidade” (Buck-Morss, 1996, p. 24).

Relacionando essa citação com a literatura, torna-se complexo falar dela através de uma perspectiva acadêmica quando esse significado tornou-se um conceito que, além de restrito, também é uma idealização de senso comum. Não se pode falar de literatura em outros ambientes se o leitor que está lendo, lê apenas jornais, por exemplo.

Assim, podemos separar os brasileiros em dois grandes grupos: os estudantes que ainda estão na escola e os que já saíram, formados no ensino médio, pois não serão considerados os dados de evasão escolar. Começemos com os que ainda estão em fase escolar. Com a atual função da escola sendo formar os indivíduos para o mercado de trabalho, começamos a enfrentar problemas estruturais no que tange a falta de bibliotecas nesses espaços. Para Buck-Morss (1996) o sistema fabril danifica cada um dos sentidos humanos, paralisa a imaginação do trabalhador. Na busca de formar os jovens para o mercado de trabalho, com a implantação do Novo Ensino Médio e a diminuição drástica da carga horária das disciplinas de português e ciências humanas, o incentivo à literatura e conhecimentos eruditos foi corrompido. Além do mais, esse incentivo piorou após a pandemia do Covid-19 e com o aumento do uso das redes sociais, impactando negativamente no nível de leitura e interpretação dos estudantes, que despencou drasticamente. Ou seja, não adianta apenas disponibilizar os livros, quando nos deparamos com um problema estrutural na educação brasileira. A partir do que foi discorrido, podemos justificar o senso comum em relação ao conceito de literatura.

Alcir Pécora, em “Literatura, História e Crítica Contemporânea”, discute, a partir do livro *Uma República de Leitores*, de Joaci Pereira, a recepção das Cartas Chilenas, atribuídas a Tomás Antonio Gonzaga. No debate, Pécora mostra como a recepção romântica tomou o livro como retrato do autor (mesmo sem saber quem é de fato o autor) e como uma leitura positivista apontará a obra como reflexo. O interessante da leitura de Pécora é que ele historiciza essas duas metáforas da literatura que estão em circulação até hoje e são modos do senso comum metaforizar o literário. Nesse sentido, o trabalho de João Cezar de Castro Rocha é ainda mais potente ao propor, no final de cada crítica, outras possibilidades de compreender o literário, ampliando a chance do leitor de jornal, no caso, buscar o texto que está sendo apresentado.

Como próxima questão, podemos pensar na importância de Rocha trazer as críticas que pensam a literatura para o jornal e outros meios eletrônicos. Para as pessoas que já saíram da escola, é uma maneira de resgatar a chama da leitura e tentar identificar aspectos que já foram estudados ou vistos por esses leitores. De acordo com Buck-Morss (1996, p. 23), “a percepção torna-se experiência apenas quando se conecta com memórias sensoriais do passado.” Assim,

ao trazer o conceito de literatura para os jornais, Rocha possibilita aos leitores uma nova conexão e percepção da realidade e leitura para si. De acordo com o autor,

Tal processo, ou seja, o ato de leitura de textos literários não supõe uma identificação simples, banal – bem entendido, claro está. Esse ato antes destaca a força da literatura como laboratório de experiências sobre os múltiplos sentidos do humano, descortinados através da riqueza criadora da linguagem. (Rocha, 2015, p. 40).

Portanto, é importante que esses textos sejam veiculados fora do ambiente acadêmico, que transitem em jornais, redes sociais e *Youtube*, para que atinjam um público maior, que se identifique com o literário através de suas relações com livros e experiências pessoais para ampliar a noção de literatura que cada um possui.

Para aqueles que ainda estão na escola, as maneiras de pensar o literário em Rocha podem ser muito úteis para fomentar a formação de novos leitores. Ao tratar de debates que fujam de percepções óbvias - como o traiu ou não traiu, de Dom Casmurro -, Rocha permite que os novos leitores criem suas próprias percepções sobre as obras, permite que os alunos pensem além do óbvio, que exercitem sua capacidade de refletir criticamente.

Portanto, esse trabalho deve partir da própria academia e ser uma via de mão dupla, que consiste entre o interesse dos alunos e futuros professores do ensino básico, e o preparo do professor universitário para tal ação. De acordo com o autor,

Talvez por isso hoje em dia alguns professores tentem recuperar o espaço perdido no jornal (e também nos meios audiovisuais e inclusive digitais), a fim de ganhar uma via de acesso a um público culto, mas não especialista. Exige-se, pois, uma maior flexibilidade do professor universitário. Cada vez mais se trata de exercitar uma espécie de esquizofrenia produtiva, ou seja, o desafio contemporâneo é tornar-se bilíngue em seu próprio idioma – por assim dizer (Rocha, 2015, p. 42).

Assim, a proposta de Rocha é que professores sejam bilíngues na própria língua. Quando especialistas em literatura conseguem transmitir seus estudos para um público culto, mas não especialista, o conhecimento é gerado, fomentado, incentivado e repassado à frente, para alunos da educação básica, que atualmente possuem uma defasagem muito grande no ensino, chegando ao objetivo final, que é formar novos leitores. Portanto, tendo a literatura o papel social de formar sujeitos, Antonio Candido defende o direito à literatura. Em entrevista ao *Roda Educativa*, ele articula: “Se ela [a literatura] existe em todas as sociedades, se ela é uma necessidade fundamental, ela é um direito de todo homem” (Candido, 2014, 1 min 23s).

Sendo assim, a grande contribuição de Rocha, ao trazer a discussão sobre literatura para os leitores de jornais, é ampliar a noção que o leitor de jornal já possui em relação a ela.

Nesse sentido, concordando com Buck-Morss, não basta apresentar os textos literários para um público mais amplo, é preciso, ao mesmo tempo, oferecer outras compreensões do literário para que o leitor busque o texto que está sendo apresentado.

## **Conclusão**

Portanto, diante das críticas de jornais de Rocha aqui analisadas, nas quais primeiro são apresentadas sinopses das obras para depois se chegar a uma dimensão da literatura e de seu trabalho relacionado com as análises de Antonio Candido e Georges Didi-Huberman, percebemos que para a produção da crítica, é estabelecida uma relação do leitor com a obra. O papel dos críticos aqui é partir das obras, historicizá-las e propor outras maneiras de pensar o literário, como Rocha fez ao propor a percepção do ciúme em *Dom Casmurro*, como Candido fez em *Dialética da Malandragem* e como Didi-Hubermann fez ao descrever a instalação sobre Auschwitz. É possível perceber que os três estudiosos se utilizam das metáforas que vão muito além do retrato e do reflexo ao produzirem seus textos para um público mais amplo, como em Rocha ou Didi-Hubermann, ou ao discutir os reflexos de determinada sociedade, como Candido faz ao discorrer sobre o universo de *Memórias de Um Sargento de Milícias*. A partir disso, eles propõem outros modos de pensar o literário, trazendo a perspectiva do ciúme - dentre outras perspectivas de Rocha-, da malandragem e do silêncio, como apresentados anteriormente.

Nos deparamos também com o quão importante é o exercício de Rocha no papel de pensar a literatura fora da academia, para que o público envolto no senso comum em relação à literatura (retrato e reflexo) possa entrar em contato com outras possibilidades de pensar a literatura e, quem sabe assim, (re)aproximar-se dos textos literários. Esse trabalho é importante na academia como vemos nos textos de Antonio Candido e Didi-Huberman e ainda mais com o público geral, como propõe João Cezar de Castro Rocha. Apesar disso, o debate de pensar outras formas de literatura não é tão comum na academia, portanto Rocha vem transformando essa questão, ao trazer o debate teórico para o jornal.

Se, de acordo com Antonio Candido, a literatura é um direito de todo homem, aqui, a crítica assume um papel essencial na efetivação desse direito, ampliando as noções de literatura que o leitor em geral possui, possibilitando um novo contato com os textos. Esse movimento é importante para a formação de novos leitores. Do direito à literatura ao direito à leitura literária - ou seja, o direito de compreender e dialogar com os livros de modo crítico e

criativo. Para formar novos leitores, é preciso de novas concepções do que seja o literário, portanto, é preciso ampliar o conceito de literatura.

Portanto, sendo a literatura um campo dinâmico, plural e que abarca diferentes transformações, vozes e experiências, esse trabalho serviu para mostrar que o literário nas críticas de jornais de João Cezar de Castro Rocha é multifacetado, pois o autor se utiliza de diferentes singularidades para definir literatura, como feito com o ciúme em *Dom Casmurro*, com a utopia em *Capitães da Areia*, com o espelho em *O espelho*, com a dualidade em *Teoria do Medalhão*, e com a produção de conhecimento em *S. Bernardo*.

Dessa forma, o literário é construído a partir de múltiplas leituras e perspectivas, o que permite compreender a literatura como um fenômeno em constante diálogo com o mundo e com o próprio leitor. Cada uma dessas abordagens evidencia a maneira como o crítico compreende o literário não como um conceito fixo, mas como um campo de tensões e de abertura interpretativa. Assim, sua crítica não se limita à explicação de textos, mas à construção de um espaço de reflexão sobre a própria natureza da literatura.

Conclui-se, portanto, que o estudo do literário nas críticas de Rocha reforça a importância da crítica literária enquanto espaço de mediação entre texto e sociedade, teoria e sensibilidade. Por isso seu trabalho vem sendo de grande importância na crítica literária do presente, dialogando sobre literatura em outros meios além do acadêmico. Seu trabalho reafirma a literatura como direito e como necessidade humana, capaz de suscitar reflexão, ampliar horizontes interpretativos e promover o diálogo entre arte e pensamento.

## Referências

ASSIS, Machado de. **Teoria do Medalhão**. [S.l.: s.n.] 1882. Disponível em: <https://ia902807.us.archive.org/2/items/MachadoDeAssisTeoriaDoMedalho/Machado%20de%20Assis%20-%20Teoria%20do%20Medalh%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 31 out. 2025.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 3 ed. Jandira, Sp: Ciranda Cultural, 2019. 208 p.

BRASIL, Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do. Bibliotecas nas escolas públicas no Brasil: dados do Censo Escolar 2022. [s.l]: [s.n], 2022. 18 p. Disponível em: [https://atricon.org.br/wp-content/uploads/2024/02/Bibliotecas\\_Escolas\\_Publicas.pdf](https://atricon.org.br/wp-content/uploads/2024/02/Bibliotecas_Escolas_Publicas.pdf). Acesso em: 14 de agosto de 2024.

BUCK-MORSS, Susan. Estética e anestésica: o "ensaio sobre a obra de arte" de Walter Benjamin reconsiderado. **Travessia: Revista de Literatura**, Florianópolis, n. 33, p. 11-41, ago- dez, 1996.

CANDIDO, Antonio. (1970). Dialética da Malandragem. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, 8, 67-89. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i8p67-89>.

OS BRANCOS tormentos do testemunho. Comunicação por Georges Didi-Huberman. Tradução de Renata Correia Botelho e Rui Pires Cabral. Lisboa: Culturgest. 15 mar. 2012. 1 vídeo (46 min). Disponível em: <https://proymago.pt/didi-video>. Acesso em: 09 ago. 2024.

PRIGOL, Valdir. A leitura em Antonio Candido e João Cezar de Castro Rocha [Reflexões iniciais]. **Interfaces**. [S.l.]. v. 11. n. 4. p. 225-232. out/dez 2020. Disponível em: [https://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces/article/view/6598/4982](https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6598/4982). Acesso em: 11 dez 2025.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Por uma esquizofrenia produtiva (Da prática à teoria)**. Chapecó: Argos, 2015.

ROCHA, João Cezar de Castro. “Ética e utopia [S. Bernardo, de Graciliano Ramos]”. **Jornal do Brasil / Ideias**, p. 7, 8 de julho de 2006.

ROCHA, João Cezar de Castro. “Ciúme e dúvida póstuma [Dom Casmurro, de Machado de Assis]”. **Jornal do Brasil / Ideias**, p. 7, 10 de julho de 2006.

ROCHA, João Cezar de Castro. “A farda e o fardão [“O espelho”, de Machado de Assis]”. **Jornal do Brasil / Ideias**, p. 6, 2 de setembro de 2006.

RODA EDUCATIVA. Antonio Candido. Youtube. 6 de junho de 2014. 5min43s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4cpNuVWQ44E>. Acesso em: 05 de setembro de 2024.

**RESUMEN:** Este trabajo tiene como objetivo identificar las dimensiones de lo literario en las críticas periodísticas de João Cezar de Castro Rocha, historiador y profesor de literatura comparada de la Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), así como observar la importancia de retomar el concepto de literatura en textos destinados a los periódicos. La reflexión se desarrolló a partir del análisis e interpretación de la columna *Pena Afiada*, publicada en el cuaderno *Ideias* del *Jornal do Brasil*, la cual reúne 24 críticas escritas por el historiador y crítico literario. En estas críticas, al final de cada análisis, es posible percibir que el movimiento teórico propuesto por Rocha tiene carácter metafórico, ya que en cada texto el autor recurre a una metáfora para definir la literatura, que así se convierte en un concepto amplio y dinámico, configurado a partir de su relación con los textos evaluados.

**PALABRAS CLAVE:** Literatura; Metáfora; Crítica literaria.